

O rúgbi no Rio:

da introdução aos Jogos Olímpicos

Rugby in Rio:
from the introduction
to the Olympic Games

VICTOR SÁ RAMALHO ANTONIO

Mestre e Doutorando em História Social FFLCH-USP.
victor@portaldorugby.com.br

RESUMO: O objetivo deste artigo é expor o percurso do desenvolvimento do rúgbi no Rio de Janeiro de suas origens (final do século XIX) ao momento atual, permitindo que a modalidade ter sua história problematizada em estudos futuros. Foram usadas fontes da imprensa de cada época como a principal documentação (mas não a única), permitindo criar uma narrativa acerca do esporte e sua inserção social. O artigo não se restringe à cidade do Rio de Janeiro, uma vez que Niterói apresentou-se como o principal espaço de prática da modalidade por muito tempo, o que exigiu uma expansão do espaço abordado para um conceito mais amplo de região metropolitana do Rio de Janeiro. Concluiu-se que a modalidade permaneceu por muitas décadas atrelada à comunidade britânica, mas sua tendência já a partir da década de 1970 foi de sair da comunidade de estrangeiros — fenômeno concretizado no período olímpico recente do rúgbi, ainda que de modo tímido.

PALAVRAS-CHAVE: Rugby. Rúgbi. Charles Miller. História Social.

ABSTRACT: The purpose of this article is to trace Rugby Football's development in Rio de Janeiro from its origins (late 19th century) to the present, allowing future studies to problematize its history. Press sources from each period were used as the main record (but not the only one), allowing to create a narrative about the sport and its social insertion. The article is not restricted to the city of Rio de Janeiro, since Niterói appears as the main space for the sport for a long time, what made necessary the expansion of the space addressed for a broader concept of the metropolitan region of Rio de Janeiro. It was concluded that the sport remained for many decades linked to the British community, but its trend since the 1970s was to develop outside the foreign community — a phenomenon consolidated in the recent Olympic period of rugby, albeit in a small scale.

KEYWORDS: Rugby. Rugby. Charles Miller. Social History.

Introdução

Regulado pela primeira vez em 1845, na *Rugby School*, na Inglaterra, o rúgbi tem seu desenvolvimento intimamente ligado à Inglaterra da Revolução Industrial, ao “processo civilizador”, como teorizado por Norbert Elias, e ao contexto da pedagogia inglesa do século XIX, como defendem Eric Dunning e Kenneth Sheard (DUNNING, SHEARD, 2005). A história do rúgbi está intimamente ligada à do futebol ao longo do século XIX e sua disseminação pelo mundo seguiu os ingleses em sua expansão imperial, seja nas regiões diretamente controladas pelos britânicos, seja naquelas que tiveram intensas relações econômicas com eles.

O rúgbi não se popularizou no Brasil como o futebol, porém sua introdução no país se deu de modo concomitante ao futebol e o estudo de uma modalidade que não se difundiu largamente tem sua importância por apresentar os limites do processo de trânsito cultural (MELO, GONÇALVES, 2019). A influência britânica no Brasil ao longo do século XIX e início do XX foi determinante para a conformação do campo esportivo nacional (MELO, 2017), com diversas modalidades esportivas (futebol, rúgbi, críquete, tênis, entre outras) sendo introduzidas seja pela ação direta de britânicos, radicados ou de passagem pelo Brasil, representando interesses comerciais e financeiros do Império Britânico, seja pela ação de brasileiros que estudaram no exterior.

A presença do rúgbi no Rio de Janeiro, capital brasileira no momento da chegada do esporte ao país, é longa e seu desenvolvimento ao longo do século XX até o presente será abordada neste artigo, dividido em oito partes, que sugerem uma periodização para a história da modalidade. A nona parte refere-se especificamente ao rúgbi feminino, mais recente.

Como ficará evidente ao longo do texto, a centralidade de Niterói para a prática do rúgbi levou à opção de se utilizar uma noção ampliada do espaço sobre o qual o texto versa, sendo contemplada, de modo geral, toda a região metropolitana — com referências ao interior do estado do Rio de Janeiro na parte final do texto.

A pesquisa tomou por fontes periódicos de época, alguns consultados a partir da *Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional*, e outros contidos no arquivo pessoal de Leon William Rheims, ex-presidente da ABR, falecido em 2007 e possessor de boa parcela da documentação oficial da entidade e de sua antecessora, a URB (União de Rugby do Brasil). O arquivo contém grande número de jornais, revistas e fotografias, parte dos quais faziam dos arquivos

pessoais de Jimmy McIntyre e Harry Donovan (fundadores da URB)¹. Foram ainda consultadas fontes bibliográficas importantes, como o livro oficial da história do *Rio Cricket*², e, para o período mais recentes, fontes jornalísticas de internet, como o *Portal do Rugby* e páginas oficiais dos clubes abordados. As fontes jornalísticas, tratadas com o devido cuidado, apresentaram-se como documentação adequada para a construção de uma narrativa mais ampla acerca do desenvolvimento do esporte.

1. O Rio de Janeiro e o início do rúgbi no Brasil

Fazendo uso do já exaustivamente revisitado livro de Tomás Mazzoni (1950),

“O segundo clube surgido em terra carioca foi o do Clube Brasileiro de Futebol Rugby, o primeiro a cultivar esse esporte no Brasil, fundado em 12 de setembro de 1891 pelos srs. Alfredo Amaral Fontoura, Vírgilio Leite, Oscar Vieira de Castro, Edwin Ral, Sidney Cox, Augusto Amaral e Luiz Leonel Moura, este jovem brasileiro, recém-chegado da Inglaterra, onde fôra educado no ‘Elizabeth College’, da ilha de Guernsey, na qual aprendera o ‘rugby’ e o futebol ‘soccer’. Foi por sua iniciativa que se introduziu no Rio, o ‘rugby’, que logo encontrou adeptos, enquanto que o futebol ‘association’, tentado pelos rapazes do Clube Brasileiro de Cricket e reeditado por Moura, entre 92 e 93, foi depois esquecido” (MAZZONI, 1950)

Se para Norbert Elias o estudo do esporte não se restringiria a entender a modalidade intrinsecamente, mas compreender o contexto social no qual o fenômeno da prática esportiva se insere e lhe confere (DUNNING, ELIAS, 1992), a compreensão da introdução do rúgbi no Brasil, sob o viés de um processo contrastante com o do futebol, ganha sentido, sobretudo ao problematizar a adoção de práticas esportivas europeias pela sociedade brasileira da Primeira República que, como aponta Elias Saliba, era marcada por um “repúdio difuso à vida rotineira e aos arcaísmos, que seriam a própria negação do progresso, [...] uma atmosfera ansiosa por cosmopolitismo [...] percorre o país, num desejo sôfrego da europeização e da modernização [...] inspirada nos modelos de sociabilidades europeias” (SALIBA, 1998, p. 292).

A efervescência do mundo esportivo carioca no início da República não foi desprovida da presença, ainda que tímida, do rúgbi. A fundação do *Clube Brasileiro de Futebol Rugby*, no Rio de Janeiro, em 1891, teria sido a pri-

meira formalização de um clube dedicado ao rúgbi no Brasil, precedendo as iniciativas de Charles Miller em São Paulo, mas com clara participação da elite local, inicialmente sem presença britânica majoritária.

Entre os nomes citados da fundação do *Clube Brasileiro de Futebol Rugby* está Sidney Cox, irmão de Oscar Cox e filho de George Cox, fundador, em 1875, do *Paysandu Cricket Club*, posteriormente *Paysandu Athletic Club*. Ainda acerca dos fundadores do *Clube Brasileiro de Futebol Rugby*, Virgílio Leite foi outro *sportsman* de renome no Rio de Janeiro, sendo também um dos fundadores do *Fluminense Foot-ball Club* e presidente do *Clube de Regatas Flamengo*, quando o clube incorporou a prática do *Association* às suas atividades (ANTONIO, 2017).

2. Navios e contatos com o Império Britânico: o rúgbi até a Grande Guerra

Após a experiência inicial com o *Clube Brasileiro de Futebol Rugby*, a sequência da prática do rúgbi por tal agremiação não foi identificada e nos anos seguintes a prática do rúgbi em terras cariocas esteve diretamente associada à presença britânica. A frequência de navios internacionais permitiu à comunidade britânica da cidade exercitar o jogo da bola oval. Em 1910, em 23 de junho, o *Jornal do Brasil* destacou a realização de uma partida de rúgbi, envolvendo os tripulantes do cruzador *Amethyst* e os britânicos do Rio de Janeiro:

“No próximo domingo será jogado no Rio o primeiro match de ‘rugby esporte inteiramente desconhecido no nosso paiz [...] O teams do Amethyst não está definitivamente organizado, devendo se-lo hoje [...] O team inglez do Rio acha-se composto dos excelentes elementos que jogam na Inglaterra e alguns mesmo em scratch representando suas cidades [sic]” (JORNAL DO BRASIL, 23 de julho de 1910)

O jogo envolvendo o *Amethyst* também fora citado pelo *Correio Paulistano*, acrescentando que o time de ingleses radicados no Brasil era formado por indivíduos que trabalhavam em bancos, na *Western Telegraph* e na *Leopoldina Railway*, com a partida sendo disputada “em benefício do Hospital dos Ingleses”.

As atividades não cessam e no ano seguinte é noticiada a primeira partida interestadual de rúgbi no Brasil, envolvendo as representações de

Rio de Janeiro e São Paulo no campo do *Fluminense Football Club*, na rua Guanabara, com público de cerca de duas mil pessoas, de acordo com o *Correio Paulistano*. O embate, realizado em 17 de julho, terminou em empate de três a três, com as equipes entrando em campo com quinze atletas cada, sendo que um nome paulista não foi identificado (“A. N. Other”, em inglês, “outro”).

Rio de Janeiro

Back: T. O. Robinson

$\frac{3}{4}$ backs, S. Reynolds, Davis, Goldthorpe, Foy

$\frac{1}{2}$ backs, Muriel, Douglas

Forwards: Norris, Parker, Wood, Wilson, Richardson, Baxter, Bailey, Wyard.

São Paulo

Back: Hinds

$\frac{3}{4}$ backs, Williams, Banks, Wyatt e Swaine

$\frac{1}{2}$ backs, Rushton, T. Morrow

Forwards: O. Morrow, Burns, Colston, Reed, Montandon, Smith, Tomkins, A. N. Other”

(CORREIO PAULISTANO, 17 de julho de 1910)

A matéria do *Correio Paulistano* atesta que “pela segunda vez na história do football rugby encontraram-se hontem duas equipes fim de disputar um match deste interessante sport”. O texto relembra o jogo com o *Amethyst* da parte da equipe carioca e destaca a procedência de atletas do São Paulo Athletic Club no time paulista:

“Do lado dos Paulistas sobressahiam pela agilidade os jogadores do São Paulo Athletic Club mais treinados que seus companheiros, e entre eles destacamos Colston, Morrow, Banks e Burns [...] No team Carioca destacamos: Tom Robinson, cujo excelente jogo já conhecíamos do match contra os do Amethyst”

A partida foi a última noticiada na capital antes da Primeira Guerra Mundial. O impacto do conflito global sobre as comunidades britânicas fez com que o rúgbi volte a ser noticiado apenas nos anos 20, indicando sua interrupção.

3. Do Cricket à Colina: o rúgbi dos anos 20 e 30

No caso carioca, três agremiação estavam ativas no rúgbi em 1921 sendo mencionadas pelo *Jornal do Brasil* (JORNAL DO BRASIL, 06 de maio de 1921): o *Rio Cricket*³, clube da comunidade britânica, a equipe da *Light*⁴, empresa de origem canadense, e o *Sport Club Brasil*, fundado em 1912 na Urca⁵, cuja sequência no rúgbi também não fora identificada ao longo do trabalho de mestrado. Nos anos seguintes, o *Rio Cricket* foi a instituição que congregou a comunidade britânica no Rio ao redor do rúgbi, nutrindo intensas relações com os praticantes paulistas. A sequência das equipes noticiadas em 1921 não é confirmada pelas fontes, mas, em 1925, o *Correio da Manhã* (CORREIO DA MANHÃ, 11 de julho de 1925) relata a fundação do chamado *The Club*, a equipe de rúgbi incorporada logo ao *Rio Cricket*, que organizara uma partida entre os funcionários (britânicos, provavelmente) da *City Improvements* e da *Western Telegraph*.

O *Rio Cricket* se tornou o foco das atividades ao longo dos anos 20 e 30, com seu campo em Icaraí. Nesse momento, o clube não participava mais da *Liga Metropolitana de Sports Ahleticos* (a LMSA, que organizava a principal competição carioca de futebol), como o fizera até 1915. Distanciado da sucessora da LMSA, a *Liga Metropolitana de Desportos Terrestres*, o futebol do *Rio Cricket* seguiu focado na parte social. O clube permaneceu como espaço de encontro dos britânicos, dedicando-se a uma miríade de atividades esportivas de sua comunidade, como o próprio críquete e o rúgbi (IORIO, 2008).

IMAGEM 1: Ação em partida entre os selecionados de São Paulo e Rio de Janeiro – Taça Beilby Alston, data desconhecida, Arquivo LUDENS – Leon William Rheims.



Os contatos com a colônia britânica de São Paulo permitiram que em 1926 voltasse a ser realizado duelo interestadual, com duas partidas, uma em Niterói e outra em São Paulo, com duas vitórias do Rio (23 a 03 em casa e 24 a 00 fora de casa). Em 1927, uma taça foi colocada em disputa pelo então cônsul britânico no Brasil: era o nascimento da *Beilby Alston Cup* (a *Taça Beilby Alston*), o duelo anual entre São Paulo e Rio, com a sede das partidas sendo intercalada, com um ano em São Paulo e o outro em Niterói. A taça foi colocada em disputa em todos os anos até 1940, exceto em 1932, por conta da instabilidade vivida em São Paulo. A interrupção se deu somente com a Segunda Guerra Mundial e o retorno de muitos britânicos engajados nos esforços de guerra. No período até 1940, o Rio de Janeiro teve superioridade sobre São Paulo, vencendo a taça em 1927, 1929, 1930, 1931, 1934, 1936, 1937 e 1940 (ANTONIO, 2017).

IMAGEM 2: The British Rugby Touring Side versus Brazil Selection XV, 1936, Arquivo LUDENS – Leon William Rheims.



Neste período, o campo do *Rio Cricket* recebeu ainda equipes estrangeiras, com a frequência de equipes de navios seguindo. Todavia, os dois eventos mais significativos foram as visitas dos *Junior Springboks* (considerados a segunda seleção da África do Sul), em 1932, e da Seleção Britânica em 1936⁶, ambas retornando de visitas à Argentina. Para tais encontros, uma seleção brasileira — um combinado entre Rio e São Paulo — fora formado, sendo as primeiras equipes formadas com o intuito de representarem o Brasil na condição de seleções (ANTONIO, 2017).

A partida contra o selecionado britânico ainda produziu um importante documento para a história do rúgbi no período. Um programa, escrito em inglês e sem autor identificado, que conta com um relato sobre a história do rúgbi até então no Brasil, que destacava, entre outras coisas, a participação japonesa e francesa na modalidade:

“Infelizmente até o momento, o rugby [*Rugger*] não é popular entre nossos amigos brasileiros. Alguns dos clubes de futebol [*Soccer*] demonstraram interesse no jogo, e em diversas ocasiões partidas de exibição entre os Quinze ingleses locais foram disputadas em campos brasileiros de futebol antes de partidas importantes, mas o jogo de rúgbi não teve apelo. Mas as esperanças não estão totalmente perdidas, pois recentemente um dos maiores clubes do Rio requereu ao Rio [Cricket] Club para treiná-los no rúgbi e também em uma partida interestadual recente membros da equipe de futebol vieram assistir. Um ou dois de nossos amigos brasileiros já estão jogando rúgbi e com poucos jovens ingleses vindo ao Brasil nos últimos tempos nós esperamos que mais brasileiros se interessem e se tornem em breve tão proficientes [com a bola oval do rúgbi] como já são com a bola redonda [do futebol]. De tempos em tempos, jogos vem sendo jogados com os franceses e os japoneses, mas infelizmente equipes regulares não vem sendo mantidas” (Programa oficial da partida “British Rugby Touring Sides versus Brazilian Selection XV” (*Santos Athletic Club*. Disponível no Arquivo LUDENS).

O clube brasileiro de futebol em questão no Rio de Janeiro é provavelmente o *Clube de Regatas Vasco da Gama*, que inaugurou uma seção de rúgbi em 1936, de vida curta, durando até 1939. Ainda em 1938, foram registradas ainda no Rio de Janeiro atividades de rúgbi dentro da Polícia Especial do governo varguista, como parte do programa de treinamento físico dos policiais.

A relação entre o jogo do selecionado brasileiro — composto por atletas britânicos — e o aparecimento de iniciativas no *Vasco da Gama* e na polícia não é clara, todavia. A experiência vascaína, no entanto, é especialmente significativa por se tratar de um conjunto de brasileiros — e não de britânicos. O fenômeno de “nacionalização” do rúgbi, com a difusão da modalidade em clubes sociais da elite já havia ocorrido em São Paulo notavelmente entre 1926 e 1930 (ANTONIO, 2017), na fase final da República Oligárquica. Já sob Vargas, o fenômeno ocorreu em terras cariocas de modo singular. A equipe de rúgbi vascaína fora fundada por Álvaro Loureiro, também incentivador da prática do ciclismo, da natação e do polo aquático do clube. Como constatado, as atividades do rúgbi decorreram em São Januário e na praia de Santa Luzia. Ainda que curta, a experiência do rúgbi vascaína foi inteiramente brasileira, verificado na escalação das duas equipes do Vasco que se enfrentaram em partida exibição realizada como preliminar da partida de futebol entre Vasco e América em São Januário em 1937:

EQUIPE NEGRA (A): Amorim – Xavier – Dario – Luiz – Elisário – Soares – Luciano – Valdemar – Alexandre – Anjinho – Matelo – Anselmo – Domingos – Almeida e Alicate

EQUIPE BRANCA (B): Urbano – João – Duque Estrada – Orlando – Ferramenta – Lobianco – Antero – Juvenal – Leandro – Gouveia – Rufino – Carvalho – Ferer – Nicolau – Vencesláu – Ferraro – Murray – Rapuano e Arlindo (JORNAL DO BRASIL, 31 de julho de 1937)

O departamento de rúgbi do Vasco teve atividades pelo menos até 1939, identificado pelos jornais.

4. Retomada e queda

O retorno das disputas da *Taça Beilby Alston* em 1947 está diretamente atrelado à continuidade do rúgbi no *Rio Cricket*, superando o período de incerteza da Segunda Guerra Mundial. Para o período que se segue, não foram identificadas menções sobre o esporte fora do clube inglês de Niterói. A década de 1940 foi concluída com superioridade da equipe do Rio sobre São Paulo com vitórias em 1947, 1948 e 1950. O Rio ainda venceria a taça em 1952, 1956, 1957 e 1958, mantendo equilíbrio com relação ao rúgbi paulista (ANTONIO et al, 2020).

O quadro mudou apenas nos anos 60, com o declínio do rúgbi do *Rio Cricket* em contraste com a expansão do rúgbi paulista para o meio universitário e para as comunidades francesa, japonesa e argentina (GUTIERREZ, 2016). Após derrotas largas na *Taça Beilby Alston*, o rúgbi do Rio de Janeiro se retirou das disputas após 1963, com o *Rio Cricket* ficando ausente das competições organizadas pela recém fundada *União de Rugby do Brasil* (a primeira federação do esporte no país), constatado pelas listas de clubes filiados à entidade (Acervo LUDENS).

5. De Niterói para o Rio

A fase que se segue a partir da década de 1970 caracterizou-se por uma lenta, mas multifacetada, ampliação da prática do rúgbi no Rio, com a existência de forças, interesses e comunidades distintas atuando no esporte, em período

de documentação escrita alternando da abundância à escassez, pela oscilação nos graus de engajamento na organização do esporte e seu registro da parte dos atores sociais

Aqui, a opção foi por um relato generalista com menor trabalho das fontes documentais. As fontes utilizadas foram fragmentos de jornais de época, identificados no Acervo LUDENS, nos relatos publicados pela antiga *Associação Brasileira de Rugby* em seu jornal *Rugby* (editado entre agosto de 1982 e dezembro de 1985) e em seu sítio (de 2004 a 2009) e pelos clubes em seus sítios de internet (carregados de memórias relatadas a partir de história oral), bem como em fontes jornalísticas especializadas em rúgbi, notadamente o sítio *Portal do Rugby*. As publicações *A História do Rugby no Brasil (1891-2009)* e o *Atlas do Esporte no Brasil* (com foco nas atividades entre 1990 e 2003) foram igualmente referências.

A retomada do rúgbi ao Rio de Janeiro se deu ainda no período de atuação da URB (entidade que regulou e organizou o rúgbi no Brasil de 1963 a 1972). Em 1970, a reconstrução da equipe do *Rio Cricket* garantiu a retomada do esporte em Niterói e o restabelecimento da seleção do Rio de Janeiro, para a disputa da *Taça Beilby Alston*. Com isso, a velha taça foi disputada em 1970, 1971 e 1972, com novos títulos paulistas (vitórias contundentes por 48 a 05, 33 a 05 e 39 a 09, respectivamente), até a interrupção novamente dos duelos em 1973. A taça voltou a ser disputada entre 1974 e 1977, com três vitórias de São Paulo sobre o Rio de Janeiro (24 a 09 em 1974, 49 a 03 em 1975 e 27 a 12 em 1977) e com uma última vitória fluminense, em 1976, em um 24 a 17 que quebrou o jejum de vitórias do Rio que vinha desde 1958. Os dois estados ainda se enfrentaram por partidas não válidas pela taça, como na vitória fluminense de 1974 por 24 a 17 e a vitória paulista de 1976 por 28 a 00. A última disputa da *Taça Beilby Alston* se deu em 1983, ano no qual a ABR decidiu ressuscitar a taça brevemente após perder a sede do Sul-Americano. 15 a 07 no placar para São Paulo.

IMAGEM 3: Equipe do Niterói RFC – Taça Beilby Alston, data desconhecida (anos 70), Arquivo LUDENS – Ian Turnbull.



Nascido em 1973, o *Niterói Rugby Football Club* dava continuidade à tradição do rúgbi na cidade, construída anteriormente pelo *Rio Cricket*. Após desaparecer entre 1964 e 1969, o rúgbi foi restaurado em 1970 no *Rio Cricket*, que debutou em 1972 no Torneio Aberto. O clube britânico de Niterói, no entanto, sofria para reunir seus atletas, dispersos entre as cidades do Rio de Janeiro, Niterói e Petrópolis e, em 1973, um grupo de atletas residentes na antiga capital fluminense junto de alunos do Centro Educacional de Niterói optou por criar a própria agremiação, o *Niterói Rugby Football Club*, que entrou na segunda divisão nacional no ano seguinte, enquanto o *Rio Cricket* seguira ainda na primeira divisão em 1974, até encerrar de vez seu departamento de rúgbi em 1976 (IORIO, 2008).

Com o fim da representação do *Rio Cricket*, os atletas niteroienses remanescentes engrossando as fileiras do *Niterói RFC*, ao passo que os atletas baseado em terras cariocas formaram um novo clube, o *Rio Rugby Football Club* (o “Rio Rugby”), que ingressou na primeira divisão naquele ano, sendo o primeiro clube genuinamente carioca, isto é, baseado na cidade do Rio de Janeiro, desde o fim do rúgbi vascaíno em 1939.

O fortalecimento do *Niterói RFC* se consumou em 1976, com o clube alcançando seu primeiro título nacional — o primeiro de uma série de seis: 1976, 1979, 1983, 1984, 1986 e 1990. Apesar de ter se separado do *Rio Cricket*, o *Niterói RFC* seguiu com atividades no campo do clube inglês, em Icaraí, bem como na praia. A migração das atividades para o *campus* da UFF em Gragoatá se deu a partir dos anos 2000.

O Rio ganhou uma terceira equipe em 1977, o *Clube de Rugby da Guanabara* formado basicamente pela colônia francesa na cidade, garantindo uma terceira equipe fixa no estado, o suficiente para se organizar o primeiro campeonato carioca. Disputado já no mesmo ano e com um resultado surpreendente, o *Rio Rugby* desbancaria o campeão brasileiro *Niterói* para ficar com o título. A competição seria disputada entre 1977 e 1989, sempre com as mesmas três equipes (ANTONIO et al, 2020).

7. O rúgbi olímpico e o retorno do Brasil ao Rio

Com a gestão do rúgbi brasileiro e a maior parte dos clubes dominantes do país estando centrados em São Paulo, o Rio de Janeiro seguiu distanciado das seleções brasileiras até os anos 2000. Com a exceção do *Campeonato Sul-Americano Juvenil de 1999*, que foi disputado no CEFAN (campo da Marinha), nenhuma competição oficial envolvendo seleções brasileiras de rúgbi foi disputada em terras cariocas até 2012, quando o estádio da Gávea recebeu o *Campeonato Sul-Americano de Rugby Sevens*, batizado de *Rio Sevens* (realizado novamente em 2013). Nesse momento, no entanto, o rúgbi já havia sido anunciado como nova modalidade olímpica para estreiar justamente no Rio 2016.

A elevação do rúgbi a modalidade olímpica — mais precisamente do *seven-a-side*, ou *sevens*, a modalidade reduzida do rúgbi — trouxe transformações cruciais na organização do esporte no Brasil. Em 2010, a velha ABR deu lugar à nova Confederação Brasileira de Rugby, entidade agora dotada de mais recursos financeiros, pelo novo status da modalidade. No Rio, a discussão sobre o palco para o rúgbi no Rio 2016 se prolongou até 2012, quando o *Clube de Regatas Vasco da Gama* rejeitou o projeto de ter seu estádio utilizado nos Jogos Olímpicos. Antes disso, em 2011, pela possibilidade de ser sede olímpica, o Vasco criou um projeto de rúgbi juvenil no clube, que durou um ano, até ser encerrado (ANTONIO et al, 2020).

A possibilidade de o rúgbi ser disputado em Niterói, tradicional casa do esporte, foi levantada. O rúgbi seguiu distanciado do *Rio Cricket*, a despeito

de breve retorno da seleção brasileira masculina ao velho campo no Icarai em 2008 para dois amistosos contra o tradicional clube argentino *Buenos Aires Cricket & Rugby Club*. Em 2011, pela única vez até o presente, o estádio Caio Martins recebeu a seleção brasileira masculina para amistoso contra os escoceses do *Edinburgh University Rugby Football Club*, que faziam excursão ao país. O evento foi utilizado pela jovem Confederação para expor o esporte e chegou a contar com transmissão televisiva. Foram, no entanto, as duas edições consecutivas do *Rio Sevens* no estádio do Flamengo que demarcaram o retorno de selecionados brasileiros ao município carioca.

Com a rejeição de São Januário, a decisão final sobre a sede do rúgbi no Rio 2016 foi tomada em 2013 em favor da construção de um estádio temporário na zona militar de Deodoro, a ser desmontado ao final dos Jogos Olímpicos. A mudança de estratégia da Confederação para o Rio de Janeiro fez com que São Paulo (na realidade, a cidade de Barueri) passasse a receber os torneios de *rugby sevens* seguintes organizados pela entidade — as edições 2014, 2015 e 2016 da nova e breve etapa brasileira do Circuito Mundial Feminino da modalidade. Em 2014 e 2015, foram eventos internacional de *beach rugby* (rúgbi na areia) em Ipanema e Copacabana, respectivamente, que foram utilizados como eventos midiáticos para a divulgação do rúgbi ao público carioca. A inauguração do estádio provisório de Deodoro em 2016 se deu com a volta do *Campeonato Sul-Americano de Rugby Sevens* feminino ao Rio, servindo de evento teste para os Jogos Olímpicos.

8. Difusão no século XXI

A competição estadual do Rio cessou em 1990, em momento que o rúgbi brasileiro vivia instabilidade, e, ainda que *Rio Rugby* e o *Niterói* continuassem a existir, o torneio estadual retornou apenas em 2005, já em um novo momento da modalidade, com a formação da *Federação Fluminense de Rugby*. Os anos 2000 foram de florescimento de equipes no Brasil — e no Rio — com o rúgbi beneficiando-se de novos atores, notadamente as transmissões por televisão por assinatura — em especial a Copa do Mundo a partir de 2003 — e a circulação de informações pela internet (ANTONIO et al, 2020).

O Niterói seguiu como a força dominante e a cidade testemunhou fundações de novas equipes: o *Vila Real Rugby Football Club*, em 2003, e da equipe da UFF (Universidade Federal Fluminense, fomentado pelo professor do curso de História e ex jogador Marcos Alvito), em 2004.

Na capital, 1999 foi o ano que o *Rio Rugby* estreou na primeira divisão nacional e, em 2005, um novo clube chamado *Guanabara Rugby Football Clube* nasceu em terras cariocas, influenciado pela Copa do Mundo de 1995. Nascido sem ação direta de membros do velho Guanabara, o novo clube acabou incorporando a história da velha equipe, em um caso raro de retomada de uma antiga instituição. Em comum, *tanto Rio Rugby* como *Guanabara* não tiveram em momento algum um campo fixo, focando suas atividades nas praias da Zona Sul e em campos de futebol alugados ou emprestados. No caso do *Rio Rugby*, o uso de campos das Forças Armadas — como o campo da Praia Vermelha ou a Casa do Marinheiro, na Avenida Brasil — foi uma constante, bem como de campos universitários — Seropédica e, no presente, UFRJ — e de outras naturezas — como o campo da fábrica Merck, em Jacarepaguá, e um campo do Jockey Clube⁷.

Ao longo dos anos seguintes, novas iniciativas se formaram na região metropolitana, com a fundação de clubes em Itaguaí, o *Itaguaí Rugby Clube*, e em Nova Iguaçu, o *Maxambomba Rugby Clube*, e posteriormente, já em período “olímpico”, de novas equipes na capital, sejam elas iniciativas independentes, como os clubes denominados *Carioca Rugby Football Club*, disputando no presente o campeonato estadual, *Tijuca Rugby*, *Santa Cruz Dragons* e *Real Rugby* (baseado no Realengo), bem como os extintos *Tamoios Rugby*, *Locomotiva Rugby* (os primeiros times da Zona Norte) e *Recreio Rugby* (do Recreio dos Bandeirantes), ou equipes universitárias, na UFRRJ (em Seropédica), UFRJ, UERJ e UNIRIO (na capital). A difusão de equipes para fora da comunidade tradicional de praticantes resultou em uma maior abrangência geográfica e social do rúgbi na cidade do Rio, de modo espontâneo e independente, sem a presença de campos dedicados à modalidade (REVISTA RUGBIER, n. 2, 2013).

A partir do acesso à *Lei de Incentivo ao Esporte* e de outros meios de financiamento de esporte pela via de organizações não-governamentais, o rúgbi no Rio de Janeiro passou a ter no estabelecimento dos chamados projetos sociais uma via distinta de difusão — sobretudo a partir do uso de modalidades adaptadas de rúgbi para a praia e para quadras poliesportivas de piso duro — as quais, em geral, reduzem o contato físico. Em 2011, o *Rio Rugby* formou seu primeiro projeto para ensinar rúgbi na comunidade do Morro do Cantagalo, a partir de financiamento australiano. A realização do *Rio Sevens* na Gávea e 2012 e 2013 aproximou o projeto também de financiamento neozelandês e de atividades na Rocinha — posteriormente, em 2017, o projeto, batizado de “Rugby é Nossa Paixão”, recebeu financiamento do *World Rugby* (a federação internacional de rúgbi, a partir de um programa de apoio volta-

do ao Terceiro Setor)⁸. Tal movimento de projetos sociais expandiu-se com o *Guanabara* igualmente abrindo uma frente em 2012 na Vila Olímpica da Maré, expandindo sua atuação com financiamento francês via Lei de Incentivo. Em Niterói, outro projeto foi criado com apoio de atletas da universidade de Oxford, o “OneRio”.

Interligadamente, a *Confederação Brasileira de Rugby*, a partir de 2015, fez uso do programa “Impact Beyond” do Rio 2016 para capacitar professores de escolas públicas do Rio a utilizarem o rúgbi nas aulas de educação física, a partir do programa “Get Into Rugby”, do *World Rugby*, focado no uso de rúgbi adaptado de contato físico reduzido. A replicação do rúgbi por educadores teve desdobramentos, como a atividade contínua do rúgbi — com contato físico — entre jovens no *Centro Esportivo Cultural e Social El-Shaddai*, na Taquara.

Ao final dos Jogos Olímpicos, a cidade do Rio de Janeiro passou a contar com um campo exclusivo para a prática do rúgbi — o primeiro campo carioca para o esporte — no campus da UFRJ, na Ilha do Fundão, construído como campo de treinamentos para os participantes do Rio 2016 que, todavia, encontra-se fechada ao rúgbi desde 2018.

9. Rúgbi feminino

No Brasil, não existem registros de rúgbi feminino ao longo de praticamente todo o século XX. Isso não significa que o tema *rugby* e mulheres não tenha sido abordado ao longo desse período. Em 15 de maio de 1931, a Folha de S. Paulo publicou um texto no qual é desencorajada a prática do rúgbi para mulheres, pela alegação de uma suposta fragilidade do corpo feminino. Tal natureza de argumento foi predominante no início do século XX com relação a várias modalidades esportivas, entre elas o futebol. O decreto-lei 3.199 de 14 de abril de 1941 (imposto por Getúlio Vargas) determinava no artigo 54 que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos (CND) baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”.

Em 02 de agosto de 1965, já na ditadura militar, a Deliberação n.º 7, assinada pelo General Eloy Massey Oliveira de Menezes, presidente do Conselho Nacional de Desportos, delimitou quais esportes seriam vetados às mulheres e o *rugby* estava incluído: “Não é permitida [à mulher] a prática

de lutas de qualquer natureza, do futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, polo, rugby, halterofilismo e baseball”. Tais restrições só foram revogadas em 1983, no momento de abertura do regime.

Desse modo, a prática contínua do rúgbi feminino no Rio começou na década de 1990, com o *Niterói* contando com sua equipe desde 1997, a qual se tornou prontamente uma das principais equipes brasileiras, sendo campeã do primeiro campeonato nacional em 2006. O rúgbi feminino foi iniciado em outros clubes nos anos 2000, porém somente se tornou possível um campeonato fluminense oficial — na modalidade de *rugby sevens* — em 2008 (ANTONIO et al, 2020).

10. Considerações finais

A partir da narrativa aqui apresentada, é possível identificar três grandes períodos: o primeiro do fim do século XIX à década de 1960, no qual o rúgbi no Rio esteve intimamente ligado à colônia britânica, sobretudo de Niterói, ainda que com experiências pontuais fora dela (como o caso do Vasco da Gama da década de 1930); um segundo no qual o esporte tanto deixou um quase exclusivismo britânico em Niterói como adentrou propriamente a cidade do Rio de Janeiro, entre a década de 1970 e os anos 2000; e um último momento, a partir dos anos 2000, no qual o *status* olímpico e a exposição de megaeventos do rúgbi na televisão permitiram uma expansão mais significativa da modalidade, contrastando com os dois períodos antes nos quais o rúgbi tinha difusão ínfima, com poucas dezenas de praticantes (dando o mínimo número de agremiações). No último período, o atual, a modalidade passou a ser praticada para fora de círculos da classe média ou da elite, por seu fomento dentro de organizações não-governamentais inseridas em comunidades mais pobres.

De todo modo, a modalidade, em seu formato de contato pleno (isto é, excluindo-se o rúgbi de contato reduzido utilizado pedagogicamente em escolas), segue restrito. Em 2009, de acordo com censo conduzido pela Associação Brasileira de Rugby, o estado do Rio de Janeiro contava com 14 clubes (de um total de 114 agremiações registrado no Brasil) e ao redor de 500 jogadores (com o Rio próximo do valor de 13% de mulheres registrado nacionalmente)⁹. O número de clubes registrados na ABR em 1986 no estado era de apenas 3¹⁰ — e ainda sem participação feminina. Já no momento pós-Rio 2016, os dados apresentados no *Cadastro Nacional de Rugby*¹¹ da Confederação Brasileira em 2019 apontam para ao redor de 2400 praticantes no estado

(sendo cerca de 700 mulheres) — algo equivalente a aproximadamente 12% do total nacional. Tal dado não se refere exclusivamente à cidade do Rio de Janeiro ou à sua região metropolitana, porém a presença de equipes no interior do estado é reduzida.

Deste modo, objetivo aqui foi, antes de uma análise mais profunda, trazer um quadro amplo acerca da modalidade a fim de permitir no futuro a problematização de temas acerca da história da modalidade no Rio.

Notas

1 Tal arquivo foi doado ao LUDENS-USP.

Sobre ele, ver ANTONIO, 2017, p. 21

2 IORIO, Patrícia e Vítor. *Rio Cricket e Associação Atlética*: Mais de um século de paixão pelo esporte. Rio de Janeiro: Independente, 2008.

3 Vítor e Patrícia Iório concordam que o rúgbi só tivera prática regular no Brasil a partir de 1925 e não precisam a existência de uma equipe de rúgbi em 1921 no clube. IORIO, Patrícia e Vítor. *Rio Cricket e Associação Atlética*: Mais de um século de paixão pelo esporte. Rio de Janeiro: Independente, 2008, p. 65.

4 A *Light* iniciou suas operações no Brasil em 1899. Em São Paulo, a Light entrou com o intuito de instalar os bondes elétricos e a iluminação pública, chegando ao Rio de Janeiro nos anos seguintes. Para mais: McDOWALL, Duncan. *The Light*. Brazilian Traction Light and Power Co Ltd. 1899-1945. Toronto: University of Toronto Press, 1988.

5 O *Sport Club Brasil* foi fundado em 1912 no bairro da Urca, contando também com a prática do futebol e do basquete, no qual foi campeão carioca em 1928.

6 A equipe britânica de 1936, o “Great Britain XV”, chamada no Brasil de “British Rugby Touring Side”, fora um combinado com uma base de atletas ingleses reforçada de alguns irlandeses e escoceses. Hoje a equipe de 1936 é reconhecida como uma das equipes dos atuais *British and Irish Lions*, a famosa seleção composta por atletas de Inglaterra, Gales, Escócia e Irlanda, que são formados periodicamente (desde 1989, a cada quatro anos) para partidas contra selecionados do Hemisfério Sul (desde a Segunda Guerra Mundial, os *tours dos Lions* têm como destinos principais sempre África do Sul, Austrália ou Nova Zelândia, com eventuais jogos em outros países. O conceito dos selecionados britânicos começou com o tour à Oceania em 1888, porém somente a partir de 1949 os Lions receberam sua atual denominação e passaram a ser organizados diretamente por um comitê formado pelas federações inglesa, galesa, escocesa e irlandesa. Até a Segunda Guerra Mundial, as iniciativas, como a de 1936, eram autônomas e só foram posteriormente reconhecidas como

parte da história dos *Lions*. Os *Lions* não visitam a América do Sul desde justamente 1936.

7 Referências podem ser encontradas em: <<http://www.guanabaraugby.com.br/site>> via <<https://web.archive.org/>>

8 Referência podem ser encontradas em: <<https://www.riorugbyfc.com.br/>>

9 Acesso em: <<https://blogdorugby.wordpress.com/2009/11/09/censo-nacional-resultados-e-analise/>>

10 Acervo LUDENS.

11 Acesso em: <<http://brasilrugby.com.br/cnru/>>

Referências bibliográficas

ANTONIO, Victor Sá Ramalho; GUTIERREZ, Diego Monteiro; PINTO, Thiago Kater; ALMEIDA, Marco Antonio Bettine.

“Um estudo sobre a introdução e institucionalização do rugby no Brasil”. In: **Journal of Physical Education**, v. 28, n. e2841, pp. 1-10, 2017.

ANTONIO, Victor Sá Ramalho. **Passe para trás!** Os primeiros anos do rúgbi em São Paulo (1891-1933). Dissertação (Mestrado em História Social) – São Paulo: Universidade de São Paulo, 2017.

ANTONIO, Victor Sá Ramalho; GUTIERREZ, Diego Monteiro; PINTO, Thiago Kater; ALMEIDA, Marco Antonio Bettine (Orgs.). **A História do Rugby no Brasil (1891-2009)**.

São Paulo: LUDENS, Edição Kindle, 2020.

BATH, Richard. **The Complete Book of Rugby**. London: Seven Oaks Ltd, 1997.

BEZERRA, Maria Cristina Caminha.

Britânicos e alemães em Niterói: um estudo em migração urbana. Tese de doutorado. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2015.

BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo Borges;

MELO, Victor Andrade de. **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: Faperj/7 Letras, 2012.

COLLINS, Tony. **The oval world**: a global history of rugby. London: Bloomsbury, 2015.

COSTA, Lamartine (Org.). **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

DUNNING, Eric; ELIAS, Norbert. **Em busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

DUNNING, Eric. SHEARD, Kenneth.

Barbarians, Gentlemen and Players. A sociological study of development of rugby football. 2ª edição. London: Routledge, 2005.

GUTIERREZ, Diego Monteiro. **O Rugby, identidade e processos econômicos no Brasil.** Dissertação (Mestrado em Mudança Social e Participação Política) – São Paulo: Universidade de São Paulo, 2017.

HOLT, Richard. **Sport and the British: a modern history.** New York: Oxford University, 1989.

IORIO, Vitor; IORIO, Patrícia. **Paissandu Atlético Clube.** Rio de Janeiro: PAC, 2001.

IORIO, Patrícia e Vítor. **Rio Cricket e Associação Atlética:** Mais de um século de paixão pelo esporte. Rio de Janeiro: Independente, 2008.

LUCA, Tânia Regina de. "História dos, nos e por meio dos periódicos". In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas.** São Paulo: Contexto, 2005. pp. 111-153.

MAZZONI, Tomás. **História do futebol no Brasil, 1894-1950.** São Paulo: Leia, 1950

MELO, Victor Andrade de. "A sociabilidade britânica no Rio de Janeiro do século XIX: os clubes de cricket". In: **Almanack**, n. 16, pp. 168-205, ago. 2017b.

MELO, Victor Andrade de. **Cidade Sportiva:** primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

MELO, Victor Andrade de. "Corpos, bicicletas e automóveis: outros esportes na transição dos séculos XIX e XX". In: PRIORE, Mary del, MELO, Victor Andrade de. **História do esporte no Brasil:** do Império aos dias atuais. São Paulo: Editora Unesp, 2009. pp. 70-106.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda.

Footbalmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

SALIBA, Elias. "A dimensão cômica da vida privada na República". In: NOVAIS, Fernando A. e SEVCENKO, Nicolau (Orgs.).

História da vida privada no Brasil. v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Fontes documentais

Acervo privado de documentos que pertenciam a Leon William Rheims, ex presidente da *Associação Brasileira de Rugby* – disponível no LUDENS-USP.

HEMEROTECA DIGITAL DA BIBLIOTECA NACIONAL:

A Gazeta

A Imprensa

Anglo-Brazilian Chronicle

A República

Brazil Herald Sunday

Correio da Manhã

Correio Paulistano

Diário da Manhã

Diário de Notícias

Diário Nacional

Folha de S. Paulo

Gazeta de Notícias

Gazeta dos Sports

Jornal do Brasil

Jornal dos Sports

O Estado de São Paulo

O Malho

O Paiz

Revista da Semana

Revista Fon-Fon

The Rio News

Times of Brazil

Periódicos

CONSULTADOS PELO ARQUIVO LUDENS:

Revista Rugbiers

Rugby: Jornal da Associação Brasileira de Rugby

SÍTIOS OFICIAIS CONSULTADOS:

<<http://www.brasilrugby.com.br/cnru/>>

<<http://www.guanabaraugby.com.br/>>

<<http://www.niteroiurugby.com.br/>>

<<http://www.riorugby.com.br/>>

Recebido em: 21/05/2020

Aprovado em: 17/07/2020